

FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES ALFABETIZADORES: RESULTADOS DE UMA EXPERIÊNCIA EXTENSIONISTA

ANTONIA MAÍRA EMELLY CABRAL DA SILVA VIEIRA¹
BLENDA PRISCILA ALENCAR DA SILVA²

RESUMO

O contexto pandêmico causado pelo vírus COVID-19 desencadeou muitas discussões acerca das práticas pedagógicas dos professores e a importância da formação continuada. O presente artigo visa destacar o papel dos projetos de extensão na formação continuada de professores alfabetizadores e relatar os resultados das ações do “I Ciclo formativo: Ler e escrever na escola: problematizando teorias e ressignificando práticas para formação de professores alfabetizadores”, realizado pelo Projeto de Extensão Práticas de Leitura e Escrita na Escola - PraLEE, vinculado à Faculdade de Educação/Campus Central, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Almejando possibilidades para reflexões, a metodologia utilizada é de abordagem qualitativa e contempla o escopo de pesquisa descritiva, apresentando um recorte dos resultados das ações realizadas na 2ª edição do projeto, desenvolvidas nos semestres 2021.1 e 2021.2, especificamente nos meses de agosto e setembro de 2021 e março de 2022. Como resultados, constata-se a atividade extensionista como possibilitadora de compartilhamento de realidades vivenciadas, bem como de atualizações teóricas e científicas sobre o processo de alfabetização, tornando-se um espaço para reflexão sobre/para a prática pedagógica.

Palavras-chave: Extensão, Formação continuada e Professores Alfabetizadores

1 Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Professora Adjunta da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. E-mail: antoniamaira@uern.br

2 Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação (PosEduc), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: blenda.priiscylla@gmail.com

INTRODUÇÃO

A universidade enquanto instituição educativa que assume o compromisso na produção do conhecimento científico junto a sociedade, busca desenvolver a partir de projetos de extensão a interrelação dos saberes através de ações extensionistas “e por meio dela tem grande alcance pedagógico, levando o estudante a vivência a realidade social” (SEVERINO, p. 32). Sobretudo, provocadas pelo compromisso social, as instituições de ensino superior desenvolvem iniciativas de caráter pedagógico visando, também, contribuir com a sociedade, em específico, com a formação profissional e continuada.

Nesse ínterim, destacamos o papel dos projetos de extensão na formação continuada de professores, que como ação cultural valoriza a co-participação do sujeito no ato de conhecer (GADOTTI, 2017). Com base nisso, o Projeto de Extensão Práticas de Leitura e Escrita na Escola-PraLEE, vinculado à Faculdade de Educação/Campus Central, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) desenvolve ações extensionistas que buscam articular a formação inicial e continuada de professores, universidade e escola, de modo que favoreça estudos, pesquisas e práticas pedagógicas nas áreas de alfabetização e letramento(s).

Essa iniciativa tem como principal objetivo contribuir com o processo de alfabetização e letramentos de crianças e jovens da rede pública de ensino de Mossoró e região, a partir de ações que colaboram para o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita e na formação continuada do corpo docente e futuros professores nas áreas de alfabetização e letramento(s).

Nesse viés, o projeto se preocupa com a formação de professores alfabetizadores, por compreender a responsabilidade desse profissional na proposição de situações de aprendizagem que favoreçam a alfabetização crítica e desvinculada a ideia de mecanização do processo de construção do conhecimento sobre a língua materna. Portanto, reconhecemos que saber escrever não se limita a um conhecimento técnico do sistema de escrita alfabético ou do desenvolvimento estrito de habilidades motoras. As crianças precisam atribuir sentido ao que escreve, serem autônomas e construir competências cognitivas e linguísticas em contato com situações reais de escrita. Assim sendo, a alfabetização é um processo complexo, multifacetado e de domínio de

um sistema de representação que exige do aprendente conhecimentos linguísticos e cognitivos (SOARES,2020).

Neste artigo apresenta-se um recorte dos resultados das ações realizadas na 2ª edição do projeto, desenvolvidas nos semestres 2021.1 e 2021.2. Para tanto traça-se como objetivo geral desta investigação relatar a relevância da extensão para formação continuada de professores alfabetizadores e como objetivo específico discutir as contribuições do I Ciclo formativo do PraLEE: Ler e escrever na escola: problematizando teorias e ressignificando práticas para formação de professores alfabetizadores.

É importante destacar que tal iniciativa se deu em contexto de pandemia, o que desencadeou muitas discussões acerca do papel do professor no processo de alfabetização. Mesmo que não se limitasse a analisar a alfabetização como fenômeno especificamente no contexto remoto, considerando também as suas facetas e complexidade inerentes ao contexto presencial de ensino, foi possível discorrer acerca dos desafios da alfabetização no contexto pandêmico e pós-pandêmico.

O percurso metodológico da pesquisa se desvela a partir da experiência vivenciada, cujo os resultados da investigação são apresentados a partir de uma abordagem qualitativa (TRIVINÓS, 1987; GIL,2008; MINAYO, 2000), com embasamento em uma pesquisa descritiva (SELLTIZ et al. 1965) e bibliográfica pautando-se em autores como: Freire (1983, 2006); Nóvoa (2022); Sousa (2000); Lerner (2002); Soares (2020); Colello (2021), dentre outros.

O presente artigo foi organizado em quatro seções: Inicialmente apresenta-se as considerações introdutórias com os objetivos da pesquisa e delineamento da investigação, em seguida é apresentada a metodologia da pesquisa e percurso para construção dos dados. Na terceira seção perante discute-se o referencial teórico destacando o papel da extensão na formação continuada de professores alfabetizadores. Na quarta seção apresenta-se a descrição dos encontros formativos vivenciados a partir do projeto de extensão, bem como uma análise teórica, e por fim, as conclusões do estudo desenvolvido.

METODOLOGIA

O artigo em tela apresenta uma abordagem qualitativa que segundo Triviños (1987), através do fenômeno pesquisado dentro do

seu contexto, busca compreender significados. A vertente qualitativa da pesquisa trabalha com descrições, comparações e interpretações, contrariamente as estatísticas, regras e outras generalizações.

O uso dessa abordagem possibilita o aprofundamento da investigação quanto às relações mediante o contato direto com a situação estudada, buscando-se o comum enquanto se percebe a individualidade e os seus múltiplos significados (GIL, 2008). Corroborando com esse pensamento, Minayo afirma que:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização das variáveis (MINAYO, 2000, p. 21-22).

Alinhado ao pensamento dos autores e com os objetivos propostos para o trabalho, contemplou-se o escopo de pesquisa descritiva. Conforme Selltiz et al. (1965), a pesquisa descritiva apresenta como objetivo descrever um determinado fenômeno ou situações em detalhes, o que ocorreu, as características dos indivíduos ou grupo e as relações entre os eventos. Nesse sentido descrevemos neste artigo os resultados do I Ciclo formativo do PraLEE: Ler e escrever na escola.

O Projeto de Extensão Práticas de Leitura e Escrita na Escola – PraLEE, da Universidade do estado do Rio Grande do Norte, colabora com a formação continuada de professores da educação básica, uma vez que, oportuniza o pensar e o fazer do trabalho pedagógico bem como, a construção dialógica e coletiva de espaços para os saberes, uma vez que entende que a extensão é uma ação cultural capaz de transformar o meio (FREIRE, 1983).

Durante os semestres letivos de 2021.1 e 2021.2, especificamente nos meses de agosto e setembro de 2021 e março de 2022, o PraLEE realizou o I Ciclo formativo com professores/as de escolas públicas de Mossoró, abrangendo docentes que atuam na educação infantil, no ensino fundamental, bem como gestoras escolares da rede municipal de ensino de Mossoró e bolsistas do projeto.

Tal iniciativa teve como objetivo geral contribuir com a formação continuada de professores/as da rede pública de ensino de Mossoró/RN, no sentido de promover reflexão e diálogo acerca do processo de alfabetização e letramento e como objetivos específicos: ampliar os conhecimentos na área de alfabetização e letramento através de estudos teóricos e trocas de experiências; fortalecer a relação entre universidade e escola; contribuir com o processo de alfabetização e letramento de crianças e jovens; articular atividades de ensino, pesquisa e extensão.

No seguinte recorte, destaca-se a realização de três encontros formativos com temas que abordam a alfabetização na perspectiva do letramento, problematizando experiências e colaborando para construção de práticas pedagógicas que valorizem a construção do conhecimento pela criança. A seguir apresenta-se as ações analisadas.

Datas	Temas Dos Encontros	Quantidade de Participantes	Expositor
21.08.2021	Planejamento no processo de alfabetização	68 participantes	Prof ^a . Dra. Antônia Maíra Emelly Cabral da Silva Vieira
25.09.2021	A aquisição da linguagem na perspectiva de Vigotski	59 participantes	Prof ^a . Ma. Maria Cleonice Soares
12.03.2022	Afetividade no processo de alfabetização	43 participantes	Prof ^a . Ma. Hemaúse Emanuele da Silva

Quadro 1: Descrição das ações desenvolvidas

Fonte: Elaborado pelas autoras

Diante dos desafios do contexto pandêmico e na busca de meios para a interação e diálogo entre todos os participantes nos momentos formativos, utilizando o apoio de um referencial teórico especializado, as atividades foram realizadas de forma remota, utilizando a plataforma do Google Meet. As estratégias para os encontros contemplaram: estudos teóricos, compartilhamento de experiências, sugestões de atividades práticas e diálogos reflexivos. Para construção dos dados foi analisada as gravações dos encontros, com ênfase na análise das discussões e o formulário com comentários acerca dos encontros. Tais formulários foram disponibilizados, de forma virtual,

ao término de cada encontro. Nele os participantes poderiam externar comentários acerca do momento.

O PAPEL DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES ALFABETIZADORES

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9.394/96) apresenta que a educação superior tem em uma de suas finalidades desenvolver uma prática social e científica aberta e integrada à comunidade. Na história da universidade brasileira, a extensão ganha destaque ao pensarmos na busca por manter vínculos com a sociedade, mesmo tendo enfrentado resistências frente ao elitismo presente na educação do Brasil (SOUSA, 2000).

Diante da abrangência do mundo contemporâneo, onde informações são processadas e divulgadas em grandes quantidades e alta velocidade, a atualização constante dos professores é apontada como crucial para o desenvolvimento da educação. A formação docente é um tema frequentemente debatido quando se reflete sobre os caminhos da educação frente à sociedade e “é um espaço central na defesa da escola pública e da profissão docente” (NÓVOA, 2022, p.88). Não podemos pensar numa educação voltada a entender esta nova configuração global sem pensarmos num processo formativo que acompanhe as mudanças. (FREIRE, 1983)

Autores como Severino (2013) e Kochhann (2017) apontam a contribuição de produção de saberes em ações com parceria entre a extensão e docentes da educação básica. Através de uma relação dialética, como nos traz Freire (1983), extensão é onde ocorre possibilidades de um espaço social que em co-participação os sujeitos atuam no ato de conhecer.

A compreensão sobre as concepções de extensão universitária é importante, pois a mesma pode ser uma constituinte na formação de professores, enquanto ambiência acadêmica, ao promover a unidade teoria e prática, fomentar a produção do conhecimento científico, possibilitar a efetivação do tripé universitário, favorecer uma formação política e emancipadora se à temporalidade das ações de extensão forem permanentes, devido à

assumência das instâncias competentes (KOCHHANN, 2017, p. 276).

Com a pandemia do covid-19, novos desafios foram lançados à prática docente e não seria diferente com os professores alfabetizadores. Precisaram compreender novas configurações como “diferentes espaços de aprendizagem, sobretudo em casa; diferentes horários de estudo e de trabalho; diferentes procedimentos de avaliação, etc.” (NÓVOA, 2022, p.26). Assim sendo necessário uma busca por alternativas, conhecimentos, estratégias e metodologias que possibilitem os processos de ensino aprendizagem.

Em busca de garantir amplas oportunidades para que os alunos se apropriem do sistema de escrita alfabética, desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita assim como práticas diversificadas de letramento, apontamos a formação continuada como um caminho necessário nesse novo percurso do contexto educacional, enquanto um processo de reflexão da prática pedagógica e para promover as realidades compartilhadas.

O desafio é formar praticantes da leitura e da escrita e não apenas sujeitos que possam “decifrar” o sistema de escrita. [...] é formar seres humanos críticos, capazes de ler entrelinhas e de assumir uma posição própria frente à mantida, explícita ou implicitamente, pelos autores dos textos com os quais interagem, em vez de persistir em formar indivíduos dependentes da letra do texto e da autoridade de outros. (LERNER, 2002, p.27-28)

O período indicado pelas leis normativas brasileiras que ocorra a alfabetização e o letramento é durante os primeiros anos iniciais do ensino fundamental. O que nos cabe a ressalva que esta etapa apresentou os maiores riscos durante o distanciamento social devido a importância do vínculo presencial entre professores e alunos.

Collello (2021, p.03) ressalta alguns aspectos presentes na adequação do trabalho pedagógico na pandemia como “a fragilidade de relações pessoais, desencanto com a escola, sobrecarga de atividades digitais, desmotivação para a realização das atividades e dispersão em função da rotina nas telas do computador”, sem mencionarmos questões sociais e econômicas tão proeminentes no contexto pandêmico.

O Projeto Prática de Leitura e Escrita na Escola reconhece os desafios para os professores alfabetizadores neste processo e buscou desenvolver estudos, pesquisas e formação continuada sobre os processos de alfabetização e letramento. É válido destacar que os desafios das novas configurações neste período atípico demonstraram mudanças necessárias no sistema educacional, como afirma Nóvoa (2022, p.24), “A pandemia tornou inevitável o que já era necessário”. Assim sendo, cabe a comunidade escolar e acadêmica buscar formas para minimizar os impactos desse contexto.

Conforme Freire (2006), refletir, avaliar, programar, investigar e transformar são especificidades do ser humano no e com o mundo. Os processos formativos sob a ótica extensionista desenvolvida apresenta como propósito mobilizar os professores à reflexão, ao questionamento da realidade e a realização de investigações referentes aos processos de ensinar e aprender que envolvam a alfabetização e o letramento. Sendo assim, as ações extensionistas podem colaborar veementemente na formação inicial e continuada de professores que atuam em contexto pós-pandemia.

ENSINAR/APRENDER A LER E ESCREVER: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA NO PRALEE

A aprendizagem inicial da leitura e escrita é um fenômeno complexo que contempla domínios linguísticos e cognitivos (SOARES, 2018), que se inicia antes mesmo da criança entrar na escola, uma vez que, desde muito cedo interagem com suportes textuais em um mundo letrado. Sobremaneira, o processo de alfabetização e letramento escolar ainda é desafiador tanto para professores, como para os pais e alfabetizandos. Em um contexto de ensino remoto emergencial e híbrido, no qual fomos inseridos abruptamente, escolas e professores se defrontam com desafios outros, em um tempo de “novo normal”, que requer cada vez mais articulação teórico-prática para compreender as possibilidades de ensinar/aprender a ler, escrever e interpretar textos nas práticas sociais.

Com base nisso, se faz necessário esforços coletivos entre universidade, escola e comunidade com ações formativas que fortaleçam as discussões e colaborem para a efetivação de práticas pedagógicas. Diminuindo, assim, os prejuízos causados à alfabetização de

crianças e jovens, colaborando para que esse público alcance êxito no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita e diminuam as consequências desse novo formato de ensino, considerado desigual, uma vez que, não atende democraticamente as necessidades formativas dos estudantes.

Com esses pressupostos o PraLEE promoveu encontros formativos a fim de estudar a alfabetização na perspectiva do letramento, problematizar experiências e dialogar acerca do desenvolvimento da linguagem, afetividade no processo ensino e aprendizagem e das práticas de leitura e escrita.

Como já foi apresentado, a proposta se desenvolveu através de três encontros com os seguintes temas: Planejamento no processo de alfabetização, A aquisição da linguagem na perspectiva de Vigotski e Afetividade no processo de alfabetização. Todos os encontros aconteceram aos sábados, no turno matutino, com duração de aproximadamente 2 horas e com um número expressivo de participantes.

No primeiro encontro que abordou o tema “Planejamento no processo de alfabetização”, percebe-se que a expositora se preocupa em relacionar teoria à prática, trazendo exemplos e ilustrações, através de sequência didática e jogos, sempre preocupada com a participação do público nas interações. A discussões iniciam através da leitura do livro “o menino que aprendeu a ver”, da autora Ruth Rocha, através do qual provocou questionamentos acerca do tema do encontro e o significado da alfabetização numa perspectiva social, uma vez que João, o personagem da história, ressignifica os símbolos gráficos e o reconhece das letras no cotidiano depois de ter ido à escola.

Nesse momento, os participantes interagem através da compreensão e confronto com a realidade, reconhecendo como a criança aprende a ler e compreender como a escrita torna-se importante nas práticas sociais. Nesse momento a expositora enfatiza a importância da compreensão da função social da escrita, quando a criança atribui sentido à escrita na rotina. Se identifica o processo de mediação e conflito cognitivo inerente ao processo de construção de conhecimento da escrita.

Continuando enfatiza que a Educação Infantil (EI) é espaço alfabetizador, no qual a criança interage com a cultura escrita, desenvolve habilidades de modo planejado, sistemático e intencional. A expositora faz questão de enfatizar que desde a EI se mobiliza o conhecimento

quando o professor lê e escreve, apresenta a função da escrita e da leitura e cabe a escola e aos professores ampliar as experiências culturais das crianças, dando oportunidade de escuta a partir da observação do cotidiano e da roda de conversa, por exemplo. Em outros momentos se retoma essa questão e percebe-se que a expositora faz questão de mostrar que mesmo a EI sendo espaço de leitura e escrita, proporcionando um ambiente alfabetizador, não é o nível apropriado para consolidação dos conhecimentos relacionados a alfabetização.

Assim, reforça que não é nessa etapa de ensino que o planejamento deve-se voltar-se à alfabetização, mas sim as experiências com as diversas linguagens e material escrito. Concordando que, “as crianças ampliam suas habilidades de uso da linguagem. Aprendem a estruturar textos oralmente, a variar os modos de falar, a interagir de modo cada vez mais autônomo por meio da fala, aprendem a ouvir com atenção e a responder de modo ativo as perguntas que lhes são feitas” (BRANDÃO e LEAL, p. 21, 2018).

Com essas iniciativas percebe-se que as ideias comungam com o que Ferreiro e Teberosky (1999) pensam sobre o processo de alfabetização quando alerta para o papel da escola na inserção das crianças na cultura escrita desde cedo. Ainda, explica o desenvolvimento da escrita como um processo evolutivo e com isso a função do professor alfabetizador, embasada em Leal (2005) para chamar atenção para o desenvolvimento das habilidades grafofonêmicas no processo de alfabetização quando as crianças cursam o ensino fundamental anos iniciais.

Ao expor sobre o planejamento na prática pedagógica, embasada em Soares (2020) coloca o texto como estruturante da prática pedagógica reconhecendo que “planejar é definir, passo a passo, o caminho capaz de desenvolver nas crianças as habilidades e conhecimentos para que se tornem alfabetizadas, leitores e produtores de textos de acordo com as metas de continuidade e integração (SOARES, p. 321). Durante a apresentação fica compreensível que o texto precisa despertar o interesse das crianças e está compatível com o nível linguístico e cognitivo. Para o desenvolvimento das estratégias didáticas recomenda-se, a partir de Soares (2020), preparar as questões para serem propostas às crianças depois da leitura para desenvolver habilidades de interpretação e, logo após, escolher as palavras e sentenças que serão objeto no processo de alfabetização.

Durante o encontro, as principais problematizações trazidas pelas participantes foram sobre a EI como espaço de alfabetização, o uso de métodos específicos para alfabetizar e os impactos da pandemia para alfabetização das crianças. Com isso, desencadeou problemáticas para se pensar no papel da escola e do professor no processo de alfabetização.

O segundo encontro, com tema “A aquisição da linguagem na perspectiva de Vigotski” segue com roteiro semelhante, no qual a expositora propõe que o espaço seja de diálogo e interação, deixando totalmente aberto às intervenções dos professores e professoras. Em sua fala ressalta a importância da formação continuada e a problematização da realidade sobre o processo de aquisição da linguagem escrita, enfatizando a importância do ciclo formativo e as problemáticas para o desenvolvimento das atividades profissionais, como a falta de tempo do professor, tornando-se desafiador a prática docente.

Embasada em Vigotski (1984, 2018) discorre acerca do conteúdo com a interação do público. Usa o livro do autor, “a formação social da mente”, para introduzir a sua fala acerca do conteúdo trazendo alguns conceitos. Percebe-se que ao longo da formação os conceitos mais discutidos são: Desenvolvimento proximal e potencial, signos e instrumentos, mediação, desenvolvimento dos processos superiores, a escrita como um desenvolvimento cultural, atividade simbólica e inteligência prática. A partir de tais conceitos a expositora dialoga acerca do desenvolvimento da escrita da criança sempre preocupada em trazer exemplos práticos.

Sendo assim fica compreensível a linguagem escrita como atividade simbólica e cultural. Com a percepção simbólica, uso de signos e instrumentos, a criança constrói os conhecimentos sobre o sistema de escrita alfabético. Além disso, o mediador não é só o professor, mas podem ser os colegas de sala e instrumentos como livros. Nesse ínterim, o desenho toma um lugar singular no processo de apropriação da escrita, por trazer no desenho a representação gráfica, suas experiências. Sobre isso os participantes concordam com a expositora e ainda ressaltam a importância das interações em sala de aula para o desenvolvimento integral das crianças.

A expositora afirma, a partir de Vigotski (1984, 2018) que brinquedo como função simbólica e consegue denotar funções que o objeto real realiza. Qualquer objeto a criança pode fazer de brinquedo,

fazendo o jogo simbólico representativo, o livro se transforma em uma casa, o cabo de vassoura em um cavalo, tendo a compreensão de como se utiliza os signos para representar. A criança consegue utilizar instrumentos como objetos representativos, tendo essa compreensão de como funcionam os símbolos e isso contribui para o desenvolvimento da linguagem escrita. Assim, ela pode compreender a função dos signos, letras, numa representação fonética. O que essa letra representa e como essa letra transpõe o som, relação do signo e linguagem. Sendo assim, a brincadeira de faz de conta, como simbolismo de segunda ordem, contribui para o desenvolvimento da escrita.

As principais questões apresentadas pelos participantes se referem a escrita em suportes digitais e físicos; a realização do desenvolvimento da fala e o papel do professor como mediador, tendo olhar sensível aos significados simbólicos; a interação das crianças no ensino remoto a partir dos áudios e autonomia da criança para utilizar internet, em específico, youtube. Percebe-se a preocupação das participantes em trazer a sua realidade e angústias vivenciadas no ensino remoto e híbrido, problematizando os desafios do retorno presencial para o processo de alfabetização. tais discussões colaboram com o que Colello (2021) sobre as diferentes variáveis na ruptura do ensino remoto para o ensino presencial.

No terceiro e último encontro, que abordou o tema “afetividade no processo de alfabetização” seguiu a mesma dinâmica dos encontros anteriores, com espaço aberto para o público dialogar a respeito dos assuntos. Consta-se que os participantes consideram pertinente a discussão do tema, principalmente, por tratar o contexto pós-pandêmico de retorno das aulas presenciais, uma vez que afirmam que os impactos provenientes do distanciamento social podem ter afetado as relações interpessoais na sala de aula.

Fundamentando-se em Leite (2012, p. 361) a expositora afirma que “a mediação pedagógica também é de natureza afetiva e, dependendo da forma como é desenvolvida, produz impactos afetivos, positivos ou negativos, na relação que se estabelece entre os alunos e os diversos conteúdos escolares desenvolvidos.” Com isso, amplia o diálogo acerca da importância do olhar sensível às relações mais complexas nesse processo, uma vez que essa dimensão afetiva não pode ser considerada de forma dualista, ao tratar a razão e a emoção. Mas, um processo

dialético no qual o homem afeta e é afetado pelo meio, constrói sentidos e significados acerca das coisas e do mundo.

Ao longo do encontro a expositora faz questão de trazer exemplos práticos e ressaltar o papel não só do docente, mas também de toda a escola no processo de alfabetização. Enfatiza que a mediação pedagógica se dá também de forma coletiva na escola e que as práticas tradicionais de ensino são incompatíveis com o alfabetizar letrando.

Contata-se o envolvimento dos participantes na discussão trazendo exemplos práticos das aulas vivenciadas em contexto remoto e presencial. A partir disso, se fortalece o diálogo acerca da importância da afetividade no retorno das aulas presenciais, afirmando que é crucial a escola pensar na socialização das crianças nesse contexto afetado pelo isolamento social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decurso desta pesquisa, busca-se destacar as contribuições da extensão para formação inicial e continuada de professores, sobretudo, os alfabetizadores, uma vez que as práticas colaborativas e dialógicas vivenciadas no PraLEE têm mobilizado ações e formas de interação com as teorias e práticas.

Dialogando entre as experiências de sala de aula e as concepções teórico metodológicas, os encontros formativos teceram reflexões que corroboram diretamente para pensar o contexto de alfabetização e letramento pós-pandemia e, sobretudo, problematiza a formação do sujeito como leitor e escritor com potencial de criar, recriar, interpretar e atribuir sentidos e significados a leitura e a escrita, bem como aquisição e desenvolvimento de habilidades linguísticas, motoras e cognitivas.

O percurso trilhado também ressalta que os aspectos sociais, econômicos, emocionais e psicológicos influenciam no processo de alfabetização e não podem ser pormenorizados no ambiente escolar.

Acreditamos ser necessário considerar as atividades extensionistas da Universidade como um caminho que integra ações formativas continuadas para os docentes, ao mesmo tempo que colabora diretamente com a formação inicial. Fortalecer laços entre Universidade, escolas de Educação Básica, professores, universitários e sociedade é valorizar diferentes espaços, realidades e saberes.

REFERÊNCIAS

COLELLO, S. M. G. Alfabetização em tempos de pandemia. **Convenit Internacional** 35; jan-abr 2021. Disponível em: <http://www.hottopos.com/convenit35/Silvia.pdf>. Acesso em 10 de setembro.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** (Tradução): Rosisca Darcy de Oliveira, 7ª Edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, P. **À sombra desta mangueira**. 8ª ed. São Paulo: Olho d'Água, 2006.

GADOTTI, M. **Extensão Universitária: Para quê?**. Instituto Paulo Freire, 2017. Disponível em: https://www.paulofreire.org/images/pdfs/Extens%C3%A3o_Universit%C3%A1ria_-_Moacir_Gadotti_fevereiro_2017.pdf. Acesso em: 16 ago. 2022.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KOCHHANN, A. Formação de professores na extensão universitária: uma análise das perspectivas e limites. **Revista Teias**, v. 18, n. 51, p. 276-292, 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revista-teias/article/view/29206>. Acesso em: 17 ago. 2022.

LERNER, D. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MINAYO, M. C. S. **Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social**. In: MINAYO, M. C. S (org). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2000.

NOVOA, A. **Escolas e professores proteger, transformar, valorizar**. SEC/IAT. Salvador, 2022.

SELLTIZ, C.; WRIGHTSMAN, L. S.; COOK, S. W. **Métodos de pesquisa das relações sociais**. São Paulo: Herder, 1965.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

SOUSA, A. L. L. **A História da Extensão Universitária**. Campinas, SP: Alínea.2000

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4233509/mod_resource/content/0/Trivinos-Introducao-Pesquisa-em_Ciencias-Sociais.pdf. Acesso em 16 ago.2022.

VIGOTSKI, L., S. **A Formação Social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância**: ensaio psicológico: livro para professores; tradução Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. – São Paulo: Expressão popular, 2018.